

# MESCLAGEM CONCEPTUAL E COMPRESSÃO DE RELAÇÕES VITAIS: A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS-DE-DISCURSO E A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS POR ALUNOS DO CURSO DE HOTELARIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Joelton Duarte de Santana (UFPB)

duarte.joelton@gmail.com

**RESUMO:** Partindo da hipótese de que aprendizes de língua inglesa quando no processo ensino-aprendizagem coletivamente negociem e compartilhem sentidos durante o evento de comunicação, objetivamos, nesse estudo, analisar quais processos linguísticos e cognitivos estão envolvidos na construção de sentidos em língua inglesa pelos alunos do curso de hotelaria do ensino médio técnico durante a aprendizagem desse idioma. Baseados nas teorias da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner 1996, 2002), e na Teoria dos Objetos-de-discurso em Dinâmicas de Sala de Aula (Mondada 1995), observamos que relações vitais são comprimidas durante a negociação do sentido em língua inglesa e que estruturas podem emergir por meio dos processos de mesclagem conceptual e da compressão das relações vitais permitindo a construção de objetos-de-discurso mediante a aprendizagem desse novo idioma.

**PALAVRAS-CHAVE:** objetos-de-discurso, mesclagem conceptual, compressão de relações vitais, e negociação de sentidos.

**ABSTRACT:** Considering the hypothesis that English language learners at the learning moment negotiate and share collective or individually meaning during the conversation, we intend, in this study, to analyze which are the linguistics and cognitive processes involved in the English meaning construction by students of Hospitality Course at the high school level. According to the *Blending Theory* (Fauconnier & Turner 1996, 2002) as well as “Objects of Discourse at the Classroom Dynamic” Theory (Mondada 1995), we have seen that *vital relations* are compressed while meaning are negotiated in English language and structures may rise up as “objects of discourse” through *blending* and *vital relation* compression through english learning process.

**KEYWORDS:** objects of discourse, *blending*, vital relations compression, and meaning negotiation.

## 1. Introdução

A Linguística, nos últimos anos, tem direcionado a agenda dos seus estudos a questões relacionadas às atividades cognitivas e interativas, mais notadamente, à relação existente entre linguagem, cognição e interação. A revolução cognitiva e o seu impacto no cenário das ciências humanas na segunda metade do século passado acabou por não só introduzir, mas também redefinir as perspectivas de pesquisa do presente século.

As pesquisas atuais que investigam a relação entre linguagem e cognição têm se dedicado a entender em que medida o conhecimento de uma língua pode instituir-se instrumento de cognição. Tais estudos buscam entender quais processos linguísticos e

cognitivos estão envolvidos quando um indivíduo utiliza a língua, e se sujeita a situações como o exercício do pensamento e o planejamento de ações a partir de tarefas cognitivas específicas, como a representação da própria realidade.

Nesse sentido, ao propormos o presente estudo, objetivamos investigar em que medida a apreensão de recursos linguísticos nas aulas de língua inglesa, junto aos recursos cognitivos e interacionais permitem seus aprendizes elaborarem versões do mundo a partir de processos sociocognitivos - mesclagem conceptual - e processos linguísticos - construção de objetos de discurso - enquanto estratégia de implementação e manutenção de habilidades linguísticas necessárias à interação durante a aprendizagem desse idioma.

Baseados nas teorias da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner 1996, 2002), bem como na Teoria dos Objetos-de-discurso em Dinâmicas de Sala de Aula (Mondada 1995) objetivamos entender, analisar e descrever quais relações vitais são comprimidas durante a negociação do sentido em língua inglesa e quais estruturas podem emergir por meio dos processos de mesclagem conceptual e da compressão das relações vitais via construção de objetos-de-discurso.

## **2. Linguística Cognitiva: um novo paradigma para os estudos linguísticos**

A Linguística Cognitiva em meio à agenda de investigação da relação entre linguagem e cognição tem assumido características de um novo paradigma de estudos face à análise e descrição da linguagem e cognição. A Linguística Cognitiva concebe a linguagem como meio de conhecimento, negando assim, a tese da autonomia da linguagem.

Nesse novo paradigma, as unidades e as estruturas da linguagem não são estudadas, como se fossem entidades autônomas, mas como “manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios da categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual”, conforme sugere Silva (1997, p.59).

Ferrari (2011) afirma que, a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixaria de ser um reflexo direto do mundo, e passaria a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, propõe a autora, as palavras não conteriam significados, mas orientariam a construção do sentido.

Acreditamos, mediante a proposição desse estudo, que a forma, única e exclusivamente, não tem significação, mas indexicaliza ou indica um domínio de cognição.

Desse modo, os domínios cognitivos nos permitiriam organizar o conhecimento acerca da realidade e de nós mesmos.

Dessa maneira, admitimos que significações possam emergir a partir do emprego de uma língua e que sendo necessária uma negociação para essas significações, objetos-de-discurso são introduzidos em situações interativas contextualmente situadas como resultado de processos cognitivos como a mesclagem e a compressão de relações vitais; logo, ao recorrermos a operações cognitivas estaríamos aptos não só a negociar sentidos, mas também a construir itens lexicais ou categorias na e para descrição da realidade e de nós mesmos.

### 3. Mesclagem conceptual e compressão de relações vitais: Negociação do sentido e construção de objetos-de-discurso

A Mesclagem Conceptual também conhecida como *Blending* é uma operação mental em que pode ser considerada a origem de nossa capacidade de inventar novos sentidos. Os processos de construção de sentidos podem envolver tanto os processos de mesclagem como os de integração conceptual.

Segundo Fauconnier & Turner (2002), o século XX enfatizou de tal modo a forma sobre a substância que os seres humanos começaram a agir como se a visão de uma forma, por exemplo, fosse capaz de substituir a visão do que está por trás dela. A atividade cognitiva, no entanto, precisa se fazer presente no processo de percepção, já que ela é a razão pela qual interpretamos sinais bi-dimensionalmente como uma descrição afetiva de algo.

Assim, se considerarmos que a mesclagem é responsável pela nossa aptidão de inventar novos significados, a estrutura seria elemento inicial que daria início aos processos de negociação e construção de sentidos.

Fauconnier e Turner (2002, p.143) sugerem o seguinte esquema como modelo clássico de mesclagem conceptual:

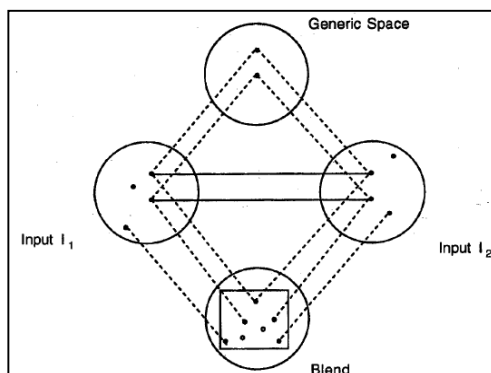


Figura 01. Modelo clássico de mesclagem conceptual

Na figura acima, em que temos representado o modelo básico de esquema de mesclagem conceptual inicialmente proposto por Fauconnier & Turner (1996), os círculos representam os espaços mentais, sendo que deles, dois são *inputs*, um é espaço genérico e outro é espaço-mescla. As linhas representam as conexões entre os diferentes espaços; as linhas sólidas representam a conexão das contrapartes (*frames-frames* e *função-frames*) e as linhas pontilhadas representam as projeções entre os domínios direcionados à mescla que conterá conteúdos das estruturas mescladas resultantes em uma estrutura emergente. Os significados que são projetados na mescla são relacionados no novo contexto, herdando aspectos dos significados de origem, mas incorporando novas significações.

Conforme sugerem Fauconnier & Turner (2002, p. 92), a construção de sentidos pode ser feita a partir de operações básicas efetuadas na mesclagem conceptual, quer sejam de Identidade (operação que permite reconhecer equivalência, uniformidade, aposição ou diferença), Integração (processo de busca de identidade e aposição que ocorre nas redes de integração conceptual) e de Imaginação (operação crucial as duas anteriores).

Destas relações conceptuais, importa-nos, no presente estudo, segundo Fauconnier & Turner (2002, p. 93) as relações vitais<sup>1</sup> de Analogia e Causa-Efeito.

- Analogia: integrações de relações vitais de *Analogia* dependem de uma compressão *Função-Valor*. Neste caso há um conector de identidade entre o *input* de *função* de uma rede e o *input* de *função* de outra rede havendo assim a compressão de duas redes de *função-valor* que têm o mesmo *input* de *função*. Em outras palavras, através da mesclagem, dois diferentes espaços-mesclas adquirem o mesmo *frame* pela compressão vital de *analogia*.
- Causa-Efeito: é a relação vital em que concebemos as coisas (informações e suas propriedades) como sendo consequência ou efeito de algum outro elemento causador. Esse tipo de relação pode ser comprimida por relações de *tempo*, *espaço* e *mudança*.

Rodrigues-Leite (2010, p.90) afirma que “a mesclagem conceptual é guiada por pressões e princípios cognitivos, mas também pelas disponibilidades da realidade, incluindo as disponibilidades físicas e biofísicas resultando em como construímos categorias cognitivas e conceptualizamos o conhecimento”. Esse processo não acontece simplesmente no cérebro humano, mas é produzido, segundo o autor, a partir das necessidades sociocomunicativas para fins locais.

---

<sup>1</sup>As relações vitais apresentadas nessa seção serão exemplificadas e explicadas durante a descrição e análise dos coletados.

Essas necessidades fazem com que o processo de mesclagem atue em todo e em cada momento que um indivíduo precisa referir-se a si e ao mundo a partir de categorias discursivas construídas individual e coletivamente influenciadas por processos cognitivos e fatores sociais e culturais. É na negociação dos sentidos, através das compressões das relações vitais via mesclagem conceptual, que surgem os objetos-de-discurso.

#### **4. A sala de aula e as dinâmicas interacionais: Teorizando a partir dos objetos de discurso**

A sala de aula enquanto espaço dinâmico e eminentemente interacional se institui um lugar possível de observação, desde a aprendizagem de outros saberes à aprendizagem de uma língua estrangeira, mais especificamente.

Segundo Mondada (1995, p.55), na sala de aula são construídos interativamente identidades, modos de relação do saber e versões públicas do mundo. Desse modo, o aluno não se limitaria a adquirir os objetos do saber apenas, mas a aprender, a negociá-los e a construí-los através de formas interativas adequadas.

A partir dessa assertiva, julgamos que os objetos-de-discurso influenciem na negociação dos sentidos, posto o aluno buscar formas interativas adequadas para aprender, inclusive uma língua. Desse modo, acreditamos ser possível que os objetos-de-discurso e a mesclagem conceptual influenciem na ativação de domínios linguísticos e cognitivos no momento de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Desse modo, observar os processos que emergem e se desenvolvem em sala de aula através de traços formais, marcas linguísticas e estruturas sequenciais da conversação visando a investigar e descrever como os membros de um grupo social – sala de aula - produzem e negociam coletivamente características, sentido e inteligibilidade e ordem a partir de suas trocas linguísticas, segundo Mondada (1995, p.60), permite não só descrever, mas construir um acesso comum a um objeto, a uma experiência, a um conhecimento, através de atividades colaborativas de produção de enunciados.

Marcuschi (2006, p.118) nos diz que a linguagem não pode ser considerada apenas como uma forma de representar a realidade. As atividades linguísticas, nas palavras do autor, seriam processos de constante (re) elaboração do mundo, indispensáveis na construção do conhecimento, inclusive do próprio conhecimento linguístico. É a partir da construção do sentido que a palavra (linguagem) tem razão de ser.

## **5. A construção de objetos-de-discurso e negociação de sentidos em aulas de língua inglesa por alunos do curso de Hotelaria**

Adotando a perspectiva de que os sentidos são negociados e os objetos-de-discurso influenciam a dinâmica dessa negociação, analisamos como os sentidos são negociados em sala de aula em língua inglesa em uma turma de educação básica de escola pública, mais precisamente do curso técnico de hotelaria a fim de entendermos como a construção de objetos-de-discurso relacionava-se com a negociação e construção dos sentidos em contextos localmente situados e; quais as relações de compressão vital estavam envolvidas nesse processo através da mesclagem conceptual. Para que esse estudo fosse possível, aulas foram filmadas e devidamente transcritas, das quais os excertos mais relevantes à discussão, análise e descrição do fenômeno em questão, encontram-se a seguir.

### ***5.1. Eraser: apagador ou borracha? Tudo apaga!***

Em uma aula de língua inglesa, no nível de educação básica, da turma de hotelaria, cujo objetivo inicial da professora era apresentar aos alunos um novo grupo de palavras, de modo a ampliar os conhecimentos vocabulares desses alunos, permitindo que esses viessem a estar aptos a lidar com situações cotidianas, e empregar tais léxicos em situações contextuais específicas, a professora é questionada sobre qual objeto-de-discurso em língua inglesa seria equivalente ao objeto discursivo “BORRACHA” em português.

Abaixo temos trechos da transcrição relativa ao diálogo em que essa inquietação vem à tona, e como, passo a passo, o referido objeto discursivo é introduzido na atividade comunicativa e a partir de uma atividade de negociação tem seu sentido estabelecido e os alunos, conseqüentemente, conseguem ancorá-lo.

Os trechos apresentados a seguir mostram-nos a negociação do sentido de dois objetos-de-discurso “ERASER” e “HIGHLIGHTER”. No que diz respeito ao primeiro objeto-de-discurso “ERASER” ou “BORRACHA”, temos no momento de negociação do sentido do objeto discursivo em língua inglesa a sugestão de que esse pode fazer referência a duas categorias, seja a categoria ‘*borracha*’, seja a categoria ‘*apagador*’ cuja *função* de ambas as entidades é condição determinante para a construção do sentido, que por sua vez prevalece à forma, inicialmente.

Na negociação em questão, o objeto-de-discurso “ERASER” poderia referir-se tanto a borracha como a apagador, nesse sentido, seu sentido é determinado muito mais pela função

que ambos desempenham que é *apagar* do que pelo próprio fato de que em língua inglesa o objeto-de-discurso “ERASER” pode se referir a realidades discursivas em que o tanto o léxico *borracha* como *apagador* são possíveis.

Perceba no trecho que será apresentado a seguir que quando um dos alunos (aluno\_01) questiona a professora sobre como seria borracha em inglês, linha 01, na tentativa de empregar esse objeto-discursivo em língua inglesa para referir-se à realidade em questão, em que necessitava apagar um erro cometido em seu caderno, mas que seu colega se recusara a emprestar a borracha, a professora em resposta, na linha 02, sugere “ERASER!”.

No entanto, para um dos alunos (aluno\_02) o sentido concernente a esse objeto-de-discurso (ERASER), ou a entidade que a ele fazia referência, muito possivelmente, em outra situação sociocomunicativa que houvera experienciado, fora negociado diferentemente do sentido do presente momento, quando então, na linha 03, sugere, “Não é apagador não, teacher?”.

A professora, por sua vez, na iniciativa de propor que o sentido do referido objeto-de-discurso fosse ancorado em ambas as experiências, a anterior e a atual, dos alunos, na presente situação comunicativa, confirma na linha 43, “Tanto faz, ou borracha ou apagador”. Para a professora, em contextos distintos, o mesmo objeto-de-discurso poderia ser empregado, na descrição de realidades distintas, ora como apagador, ora como borracha, como de fato o é em língua inglesa.

É importante notar que mais do que uma simples atividade de tradução e ampliação vocabular, podemos observar no fragmento a seguir negociações em que alunos compartilham experiências individuais e coletivas, anteriores inclusive a do presente momento, para ratificarem e, sobretudo, ancorem sentido nos objetos-de-discurso que são propostos durante a aula.

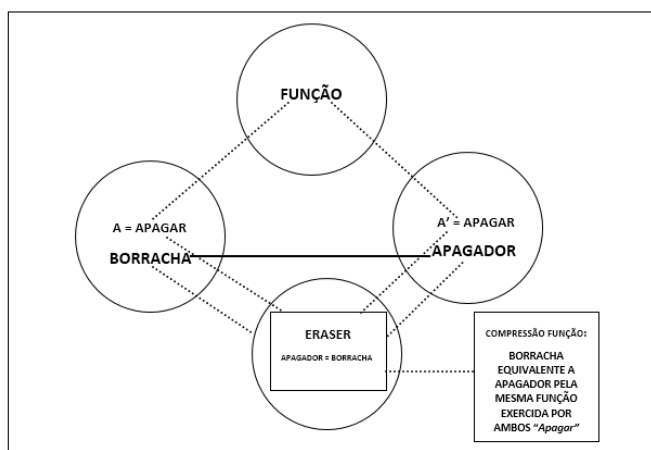
Assim quando o aluno (aluno\_03), na linha 05, sugere, “Tanto faz menina! orr.. tudo num apaga!”. Desse modo, o sentido do objeto-de-discurso “ERASER” é ratificado como passível de dois sentidos, a partir do processo de mesclagem conceptual em que há a compressão da relação vital de *Função e* que apagar seria determinante no curso da presente negociação e por isso o sentido fora coletivamente construído para referir-se a uma ou realidades possíveis da discretização de versões do mundo em que uma ou outra realidade seria possível e passível de utilização do referido objeto discursivo. Conforme podemos observar no excerto da página a seguir:

01	Aluno_01: Professora, como é borracha em inglês?
02	Professora: Eraser!
03	Aluno_02: Não é apagador, não teacher?
04	Professora: Tanto faz, ou borracha ou apagador...
05	Aluno_03: Tanto faz menina! orrr... tudo num apaga!

**Excerto 01. Borracha e apagador**

Nesse caso, para o presente grupo social, “ERASER” poderia ser utilizado na descrição tanto da entidade borracha como apagador, pelo fato de ambos terem a mesma função que é apagar. Nesse caso, a função das entidades discursivas que vem à tona a partir da compressão da relação vital *Função*, através do processo de mesclagem conceptual, permite que o sentido do objeto-de-discurso seja construído após a referida atividade de negociação.

Na figura abaixo podemos observar a partir do diagrama que se segue a mesclagem conceptual em que ocorre a compressão da relação vital *Função*, no momento de negociação do sentido do objeto-de-discurso em língua inglesa “ERASER”, em que a função torna-se determinante enquanto fator experiencial dos indivíduos envolvidos na negociação para que o sentido possa ser ancorado na forma linguística em questão.



**Figura 01. ERASER: Borracha e Apagador, tudo apaga!**

Na figura acima, é possível perceber que a forma “ERASER” é comprimida a partir de sua função que é apagar, podendo resultar, ainda que em contextos situacionais distintos, nas formas em língua portuguesa “BORRACHA” e/ ou “APAGADOR”. A partir dessa passagem podemos perceber o caráter estritamente contextual em que acontecem as negociações, principalmente em se tratando da negociação do sentido em língua inglesa, posto ser possível uma forma ser empregada na descrição de duas entidades distintas, mas que, *a priori*, tal



negociação não acontece através das suas formas equivalentes em língua portuguesa, que são distintas, mas pela mesma função que desempenham que é apagar.

Assim, esse grupo social poderá munir-se do referido objeto-de-discurso para descrever realidades discursivas, cujas entidades em questão poderão tanto significar borracha, como apagador, mas que a função por ela exercida será sempre determinante na ativação, não só da forma desse objeto discursivo, mas também e, principalmente, do seu sentido.

Rodrigues-Leite (2010, p.81) assevera que, a mesclagem é um dos aspectos mais importantes de nossa eficiência, percepção e criatividade em face das compressões de relações conceptuais vitais. Através dessa atividade, estamos aptos, ora a construir, ora a empregar planificações sintáticas, nesse caso, na língua em que se busca aprender para descrever ou criar uma realidade, ainda que conceitual.

Ainda nesse contexto de negociação dos sentidos em língua inglesa, conforme já mencionado, também podemos perceber que é feita menção a outro objeto-de-discurso e que esse permite que haja outra atividade de negociação de sentido.

Na mesma atividade em que é proposta a ampliação vocabular acerca de materiais escolares, conforme é possível perceber na linha 06, quando a professora propõe aos alunos um novo vocabulário para a ampliação vocabular; temos, embora breve, uma negociação acerca da definição do sentido do objeto-de-discurso “HIGHLIGHTER”, que por ser passível de observação e análise, permite-nos identificar, a partir do processo de mesclagem conceptual, a compressão de outra relação vital, agora a compressão da relação *Parte-Todo*.

06	Professora: Highli:::ghter!
07	Alunos: Highli:::ghter!
08	Aluno_01: Tea:cher, o que é isso?
09	Professora: Pincel colorido! Aque:les que a gente usa pra destacar! Da cor:: da roupa
10	do Restart
11	Aluno_01: Ah tá! É mesmo né, teacher:?!

Excerto 02: Pincel colorido da cor da roupa do Restart

Quando questionada acerca do sentido do objeto discursivo “HIGHLIGHTER”, o qual fazia referência àquele dado contexto de comunicação, por um dos seus alunos (aluno\_01) na linha 08, como podemos observar; a professora diz que “é um pincel colorido usado para destacar”, reforçando na linha 09, “da cor da roupa do RESTART”.

Nessa passagem a propriedade da *Parte*, que consiste na coloração das calças dos integrantes de uma banda, faz com que essa *Parte* faça vez de *Todo*, ou seja, que essas calças coloridas sejam equivalentes à banda propriamente dita ou ao *Todo*. A banda serve de e para referência na descrição e negociação da propriedade mencionada acerca do pincel, que é ser colorido. Nesse contexto, e para esse grupo social especificamente, houve razão de ser fazer referência ao colorido dos pincéis marcadores de texto (HIGHLIGHTER) como equivalentes às cores das roupas dos membros da banda Restart.

Essa ocorrência confirma o caráter eminentemente situado da negociação dos sentidos e construção dos objetos-de-discurso posto o fato de que a referência à banda e seu vestuário em outro grupo social, muito possivelmente, pudesse não causar o mesmo efeito, não causando o ancoramento do sentido do referido objeto discursivo posto o fato do conhecimento da referida banda não integrar às experiências anteriores daquele grupo social. Se isso ocorresse, a relação vital *Parte-Todo* não seria comprimida e o sentido dessa categoria, tampouco seria construído, sendo necessário, portanto, uma nova negociação.

Assim, conforme é possível observar na figura a seguir, a compressão da relação vital *Parte-Todo* é empregada, através do processo de mesclagem, na construção e caracterização do sentido e propriedade do objeto-de-discurso HIGHLIGHTER.

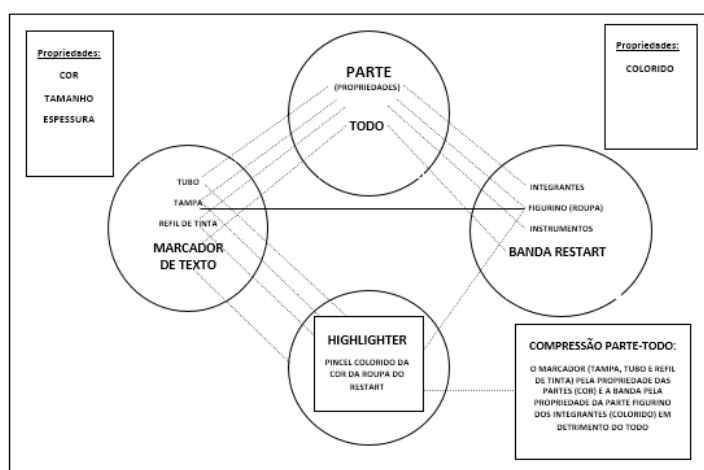


Figura 02. Highlighter: Pincel colorido, da cor da roupa do Restart.

Como é possível observar na figura da acima, parece-nos que o objeto-de-discurso “HIGHLIGHTER” recebe um novo *status* quando comparado com a cor da roupa da banda em questão. A roupa (parte em relação ao todo) ao ter tido relacionada à sua propriedade ‘cor’ como propriedade também equivalente a uma outra entidade discursiva, “pincel colorido” permite que o significado do referido objeto-de-discurso seja construído. Para essa comunidade, ativar o conhecimento acerca do que seja HIGHLIGHTER, em língua inglesa, é

estar apto a perceber a propriedade que essa categoria dispõe e contrastar com a mesma propriedade que a referida entidade discursiva partilha.

A partir desse esquema é perceptível, conforme mencionado anteriormente, o caráter eminentemente contextual da negociação e construção dos sentidos. O conhecimento sobre a propriedade da categoria poderia não ser acionado de modo a não ajudar a definição da forma linguística HIGHLIGHTER caso os alunos do presente grupo social desconhecessem a banda Restart (e vestuário por ela adotado), motivo pelo qual a professora fez referência.

Mesmo o fato de associar o grupo Restart a roupas coloridas não ser uma experiência genérica, o fato de a professora tê-la mencionado naquele contexto enunciativo permitiu a construção do sentido sobre o referido objeto-de-discurso e que esse sentido fosse ancorado, posto o fato de que para aquele grupo social as propriedades das roupas poderiam ser contrastadas às cores dos pincéis coloridos (tubo, tampa e tinta) os quais costumam usar para destacar informações no cotidiano escolar.

Desse modo, partilhamos da mesma compreensão do que venha a ser significado conforme sugere Lakoff (1987, p.292):

Significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. Significar deriva de nossas experiências de funcionamento como seres de um determinado tipo em um ambiente de determinado tipo.

Construir sentido, mais especificamente, sua negociação, diz respeito a ancorar situações que sejam significativas e nos torne seres igualmente significativos uma vez que ajuda-nos a estruturar nossas percepções na e para a discretização da realidade discursiva através de construções de versões do mundo.

## **6. Considerações Finais**

A partir da observação das negociações de sentidos nas aulas de língua inglesa por alunos do curso de Hotelaria e pela relevância dessas atividades de construção do conhecimento em uma língua estrangeira com vistas a permitir uma maior compreensão da relação existente entre linguagem e cognição humana, acreditamos que seja possível fazer algumas considerações, a partir do estudo ao qual nos propusemos.

A partir das aulas observadas e da negociação descrita, percebemos que sentidos são negociados nas aulas de língua inglesa durante a aprendizagem desse novo idioma, não pertencendo, única e exclusivamente às formas linguísticas. Os sentidos são, sobretudo, cultural e socialmente determinados. Percebemos ainda que ao se submeterem a aprendizagem de língua inglesa aprendizes devem dispor de construtos tanto cognitivos como linguísticos que os permitam construir espaços mentais de acordo como os modelos cognitivos idealizados e culturais que através das relações de compressão vital os permitam construir não só conhecimento enciclopédico proveniente de léxicos descontextualizados e dicionarizados, mas, sobretudo, conhecimento praxiológico no curso das atividades comunicativas.

Portanto, é possível perceber que atividades tanto individuais como colaborativas de negociação e construção de sentido são importantes e, por que não dizer, indispensáveis para que seja construído conhecimento, inclusive, conhecimento linguístico sob a forma de objetos-de-discurso em aulas de língua inglesa.

### **Referências Bibliográficas**

CHIZZOTTI, Antônio. (2008). Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 2ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2008.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. (1996). Blending as a central process in grammar. In.: Conceptual Structure, Discourse, and Language edited by A.E. Goldberg. Stanford: CSLI Publications.

\_\_\_\_\_. (2002) The way we think. Conceptual blending and mind's hidden complexities. Basic Books.

FERRARI, Lilian. (2011). Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo; Contexto.

LAKOFF, George. (1987). **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago: University of Chicago Press.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2006). A linguagem e o pensamento metafóricos. In.: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de.; BUSSONS, Aline Freitas (orgs.) Faces da Metáfora. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

MONDADA, Lorenza. (1995). Analyser lês interactions em classe: Quelques enjeux théoriques entre pères méthodologiques. TRANEL, 22; 55-89.

RODRIGUES-LEITE, J.E. (2010). Conceptualização na linguagem: dos domínios cognitivos à mente social. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.

SILVA, Augusto Soares (1997). A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. Revista Portuguesa de Humanidades 1, 59-101.